

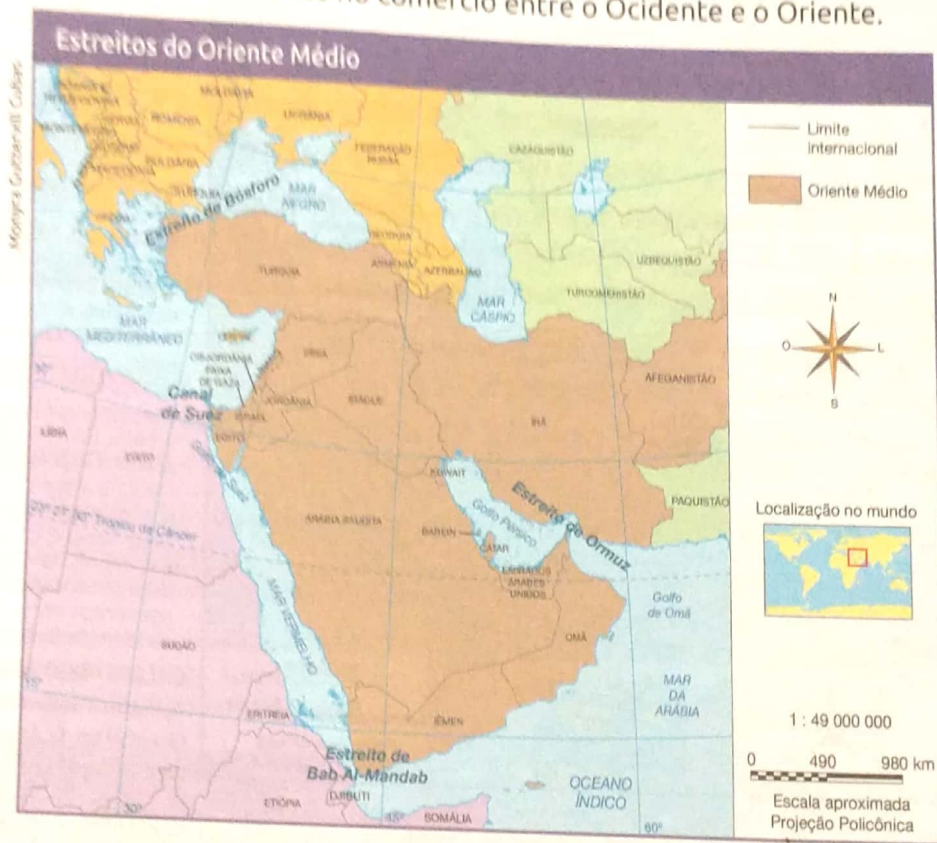
Geopolítica e conflitos no continente asiático

Pela sua extensão e localização, a Ásia é um espaço muito importante para o mundo do ponto de vista estratégico. Além disso, sua diversidade étnica, cultural e econômica faz dessa região um local de tensões e conflitos históricos, como veremos a seguir.

Oriente Médio

Três fatores tornam o Oriente Médio um espaço histórico de tensões. O primeiro deles é a posição geográfica, pois há três estreitos de vital importância econômica e geopolítica nessa região.

- ▶ Estreito de Bósforo: controlado pela Turquia, esse estreito liga o Mar Mediterrâneo ao Mar Negro, conectando a Europa a diversos países asiáticos.
- ▶ Estreito de Ormuz: situado no sudeste da Península Arábica, liga o Golfo Pérsico ao Mar da Arábia. É por ele que passam as grandes rotas do petróleo destinado à exportação, o que confere à região grande importância estratégica.
- ▶ Canal de Suez: construído entre a Ásia e a África, a noroeste da Península Arábica, ele liga o Mar Vermelho ao Mar Mediterrâneo. Até meados do século XX, esse canal tinha papel muito relevante no comércio entre o Ocidente e o Oriente.



Fonte: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro, 2018. Adaptação.

Outro fator é a grande quantidade de petróleo na região, substância estratégica para o desenvolvimento da economia moderna. Estima-se que o Oriente Médio tenha quase metade das reservas de petróleo conhecidas no mundo.

O terceiro fator é a diversidade étnica, pois as variadas culturas e práticas religiosas costumam estar por trás de muitos conflitos existentes na região.

Conflito árabe-israelense

O principal conflito do Oriente Médio é o árabe-israelense. O atual Estado de Israel tem origem no sionismo - palavra que vem de Sion, colina da antiga cidade de Jerusalém. O movimento sionista surgiu na Europa, no fim do século XIX, e pregava a criação de um país livre, sem perseguição aos judeus. A primeira reunião dos sionistas foi realizada na Basileia, Suíça, sob a coordenação do judeu-austriaco Theodor Herzl.

Na ocasião, foi aprovada a criação de um Estado judeu na Palestina, região considerada o berço do judaísmo. Com isso, esperava-se fixar e abrigar os judeus procedentes da Europa Oriental, onde eles eram perseguidos por movimentos antissemitas.

Durante a Segunda Guerra Mundial, com a perseguição nazista aos judeus - a morte de milhões de judeus nos campos de concentração é chamada de holocausto -, aumentou o apoio internacional à criação de um Estado judeu na Palestina.

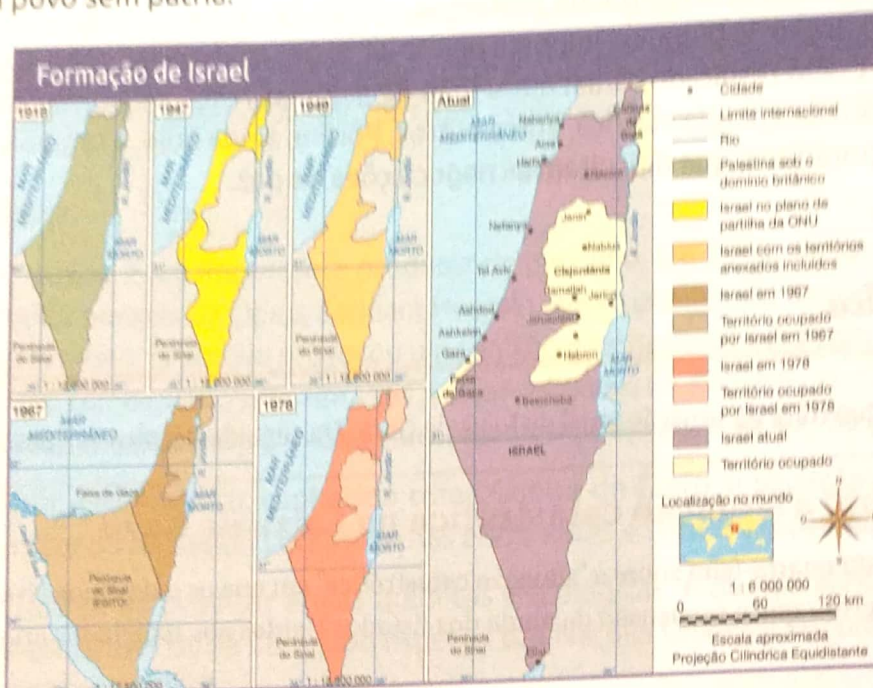
Quando a guerra terminou, a administração inglesa, que era responsável pela área, retirou-se, e a tarefa de resolver os impasses na região foi passada para a ONU.

Em 1947, a ONU dividiu a Palestina em três áreas:

- ▶ 56,7% das terras para o Estado judeu;
- ▶ 42,6% para o Estado palestino;
- ▶ 0,7% para um território internacional neutro, que corresponderia à cidade de Jerusalém.

No entanto, a resolução não agradou aos palestinos, que a rejeitaram alegando terem sido prejudicados na partilha do território. Mesmo assim, em 14 de maio de 1948, foi criado o Estado de Israel, tendo como primeiro-ministro David Ben-Gurion.

A primeira de uma série de guerras eclodiu imediatamente após a ação da ONU. Egito, Síria, Líbano, Iraque, Transjordânia (atual Jordânia) e palestinos atacaram o recém-criado Estado de Israel. O conflito terminou em 1949, com a vitória de Israel e o fim do Estado da Palestina - que, na verdade, nem chegou a ser criado. Começava aí o drama dos palestinos, um povo sem pátria.



Fonte: SMITH, Dan.
Atlas dos conflitos mundiais. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007, p. 64-65, 71, 78. Adaptação.

A chegada maciça de judeus ao Estado de Israel intimidou a população local, e cerca de 800 mil árabes fugiram. A economia do novo Estado cresceu com contribuições internacionais, e as situações políticas difíceis levaram o país a se aliar à França, Inglaterra e Estados Unidos. O jogo de alianças tinha como pano de fundo não só a questão palestina, mas o próprio contexto da Guerra Fria.

Ao longo dos anos, vários acordos de paz foram firmados entre palestinos e israelenses, mas nenhum deles obteve êxito.

Em 2001, Ariel Sharon foi eleito primeiro-ministro de Israel. Adotando uma política de linha dura, ele não fez concessões aos palestinos. Mas, em 20 de fevereiro de 2005, no gabinete de Ariel Sharon, foi aprovado o plano de retirada israelense da Faixa de Gaza.

Assim que os israelenses desocupassem as áreas, os palestinos passariam a ingressar nos territórios. A ação aconteceu em agosto do mesmo ano, quando foram retirados 8 mil israelenses, que viviam em 21 assentamentos na Faixa de Gaza, além de outras centenas de pessoas, que estavam assentadas no norte da Cisjordânia. Até então, estava acordado que Israel manteria o controle sobre as fronteiras de Gaza, a área costeira e o espaço aéreo.

No início de 2006, a retirada de israelenses teve continuidade. Em 2007, Gaza passou a ser governada pelo grupo islâmico Hamas, que não reconheceu os acordos assinados anteriormente. Como represália, em 2008, Israel iniciou uma campanha militar e um bloqueio, que restringiu a circulação de mercadorias e pessoas em Gaza. Isso arrasou a economia local, aumentou o desemprego (em 2019, chegou a 50%) e deteriorou ainda mais as condições de vida dessa população, uma das mais pobres da região.

Em 2014, a tensão voltou a se intensificar quando sequestros e mortes ocorridos em Israel e em Gaza deram início a um período de violentos ataques. Desde 2018, milhares de moradores de Gaza vêm realizando protestos semanais para exigir a extinção do bloqueio imposto por Israel, ações conhecidas como Grande Marcha do Retorno. Como resultado, Israel abriu mão de algumas restrições comerciais, aumentou o fornecimento de energia elétrica, entre outros. Porém, ainda hoje, a região vive impasses e conflitos esporádicos, que dificultam as negociações de paz.



Bombardeio israelense na Faixa de Gaza, 2009



olhar geográfico

Leia o texto a seguir, que trata da situação atual da Faixa de Gaza. Em seguida, resolva as questões.

ONU alerta sobre a situação catastrófica na Faixa de Gaza

A ONU alertou nesta quarta-feira sobre a "situação catastrófica" em que os palestinos vivem na Faixa de Gaza e alertou que a suspensão da ajuda dos Estados Unidos aos refugiados criará ainda "mais miséria".

Em 2003, os Estados Unidos e o Reino Unido acusaram Saddam Hussein de acumular armas de destruição em massa. Apoiando-se nesse argumento, George W. Bush, então presidente dos Estados Unidos, iniciou os preparativos para a guerra. Ainda nesse ano, sem o aval do Conselho de Segurança da ONU e com a oposição de vários países – como França e Alemanha –, as chamadas tropas de coalizão (formadas por exércitos de mais de um país) bombardearam Bagdá e iniciaram a invasão do território. No início de abril, Bagdá foi tomada pelas tropas estadunidenses, que instalaram um governo de ocupação. Em 13 de dezembro de 2003, Saddam Hussein foi capturado; no entanto, as armas de destruição em massa nunca foram encontradas.

Em 2004, as ações contra as forças estadunidenses se intensificaram em todo o país. Entre os **insurgentes**, havia sunitas, xiitas e fundamentalistas de outros países árabes, sob o comando do jordaniano Abu Misab al-Zarqawi, ligado à organização terrorista Al Qaeda.

No início de 2005, o Iraque, devastado por três guerras em pouco mais de duas décadas e por um prolongado embargo econômico, era um país sem soberania. Desde a derrubada do regime de Saddam Hussein, o poder político vinha se mantendo nas mãos das tropas de ocupação da ONU, sob o comando estadunidense. Em 2007, os Estados Unidos mantinham no país mais de 160 mil soldados. A retirada total dos soldados estadunidenses ocorreu em dezembro de 2011. Em 2015, os Estados Unidos assumiram a liderança de uma coalizão contra a rede terrorista denominada Estado Islâmico, sem o envio de soldados.



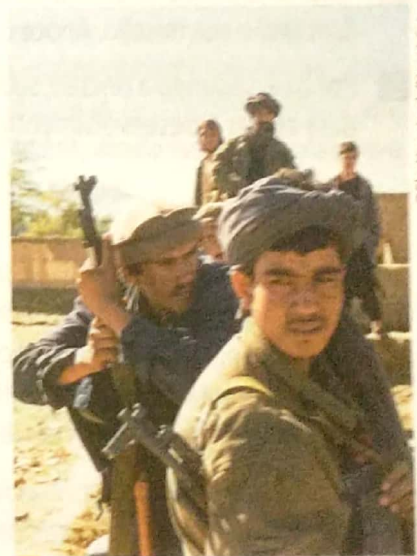
Destroços da antiga sede da ONU em Bagdá, no Iraque, destruída por um caminhão-bomba em 2003

insurgentes: aqueles que se rebelam, que insurgem, contra determinada autoridade.

Afeganistão

Há milhares de anos, o Afeganistão era um país integrado às grandes rotas comerciais, que costumavam cruzar o seu território. Historicamente, isso fez com que esse país fosse disputado pelo Império Mongol e por diversos povos, como turcos e persas.

No século XIX, o Afeganistão foi invadido pela Grã-Bretanha, conquistando sua independência em 1919. Em 1978, um governo comunista se instalou no Afeganistão com o apoio dos soviéticos, que invadiram o país, não sem resistência de rebeldes islâmicos. Confrontos fizeram com que milhões de afegãos fugissem do país. Com o desmantelamento da URSS, vários grupos lutaram pelo poder. No fim da década de 1990, o grupo militante Taleban dominou grande parte do Afeganistão e passou a governar o país com uma interpretação rígida da sharia, a lei islâmica.



Combatentes da Aliança do Norte se preparam para a batalha com forças do Taleban, Cabul, Afeganistão, 1996



O Taleban era aliado da Al Qaeda, grupo terrorista liderado pelo saudita Osama bin Laden, que vivia no Afeganistão. A Al Qaeda planejou e executou os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos. Como estudamos anteriormente, extremistas muçulmanos sequestraram aviões comerciais estadunidenses e os utilizaram como mísseis em atentados suicidas, matando quase 3 mil pessoas. Os Estados Unidos exigiram que o Afeganistão entregasse Bin Laden. Com a recusa, tropas estadunidenses e britânicas atacaram o Afeganistão.

Enfraquecidos pelo ataque, os afegãos da Aliança do Norte tomaram Cabul e colocaram fim ao regime do Taleban em novembro de 2001. A intervenção estadunidense continuou até 2014, quando foram encerradas as operações militares no Afeganistão. No entanto, o país ainda permanece ocupado por tropas internacionais. Ainda há tensão, que se ampliou com a rearticulação do Taleban na fronteira com o Paquistão, para reconquistar o poder no país, completamente desestruturado por guerras.

Décadas de guerra devastaram as condições de vida da população afegã. Como resultado, um em cada três afegãos se deslocou nos últimos seis anos, de acordo com a Organização Internacional para Migrações (OIM). Segundo a entidade, a maior parte dos 2,3 milhões de migrantes fugiu para o Irã (63%) e para o Paquistão (22%), sem contar os 3,5 milhões de afegãos que se deslocaram internamente. No entanto, isso vem causando grande tensão nesses países. Estima-se que os imigrantes estejam sendo pressionados a retornar para o Afeganistão, pois esses países estão sobrecarregados, já que também sofrem com grandes desigualdades internas.

Síria

Como já estudamos, a Primavera Árabe consistiu em diversas manifestações de revolta popular contra governos autoritários, a partir de 2010. Esse movimento se iniciou nos países da África Setentrional, como Egito, Tunísia e Líbia. No entanto, a Primavera Árabe também repercutiu no Oriente Médio, com manifestações a favor da democracia. Contudo, na Síria, houve uma violenta repressão contra os manifestantes pelo ditador no poder, Bashar al-Assad. Esses conflitos serviram de estímulo para que grupos interessados em derrubar o governo se articulassem e iniciassem uma luta armada. O principal deles é o Estado Islâmico, **organização fundamentalista** que tem como objetivo implantar um governo regido por leis islâmicas.

organização fundamentalista: grupo que interpreta literalmente as obras sagradas de sua religião, seja ela qual for, como islamismo, cristianismo ou judaísmo.

O Oriente Médio é uma região onde rivalidades religiosas, étnicas e econômicas são marcantes, o que resulta na existência de diversos grupos antagônicos, cada um com seus interesses. Além disso, a situação da Síria é bastante complexa do ponto de vista geopolítico, pois diversos países se envolveram no conflito, como Israel, Arábia Saudita, Irã, Estados Unidos e Rússia. O apoio militar da Rússia foi fundamental para que o governo sírio reconquistasse territórios que haviam sido tomados pelo Estado Islâmico e por outras tropas rebeldes.

O grande número de deslocados e refugiados por causa do conflito também resulta em tensões nos países vizinhos, que acolhem a maior parte dessa população. No mundo, a Síria é o país que mais gera refugiados. Estima-se que, no fim de 2017, existiam 12,6 milhões de sírios desalojados, sendo cerca de 6,3 milhões de refugiados e 6,2 milhões de deslocados internos, isto é, de pessoas que deixaram seus lares, mas permaneceram no território sírio.